



A RENÚNCIA DE JÂNIO QUADROS NAS PÁGINAS DO *THE NEW YORK TIMES*

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4006

José Victor de Lara, UEM

Resumo

Este trabalho versa sobre como o jornal *The New York Times* alterou seus posicionamentos sobre Jânio Quadros ao longo de 1961, baseando suas matérias na perspectiva fornecida pelos funcionários do Departamento de Estado. A vitória eleitoral de Jânio em 1960 não criou expectativas apenas no Brasil. O novo presidente mobilizou a sociedade brasileira com seus discursos eloquentes e estilo político nada ortodoxo. Jânio também seduziu a maior potência das Américas. Os EUA monitoraram de perto a candidatura de Quadros criando expectativas para o novo governo e o jornal em questão correspondeu às interpretações dos funcionários diplomáticos. Os primeiros passos do presidente, ajustando a economia brasileira aos critérios do Fundo Monetário Internacional (FMI), agradou a Grande Potência e a imprensa estadunidense, possibilitando renegociar dívidas e a obter empréstimos internacionais. Quando Jânio renunciou inesperadamente sete meses depois de iniciar o mandato, surpreendeu os EUA. Comparando os documentos diplomáticos com as matérias dos correspondentes do jornal *The New York Times* no Brasil, observamos um enorme desapontamento por parte dos EUA reconhecendo que tinham cometido um grande erro apoiando as políticas de Jânio, enquanto no âmbito internacional, o novo perfil da política externa brasileira seguia um descompasso com os interesses estadunidenses.

Palavras Chave:

New York Times; Jânio Quadros; Estados Unidos.

Introdução

A história das relações entre o Brasil e os Estados Unidos tem sido considerada como positiva e pacífica. Talvez pelo fato de nunca ter havido um confronto aberto e direto entre os dois maiores países das Américas. No entanto, o historiador brasileiro Frank McCann entende que essa perspectiva é resultado do predomínio de análises produzidas em ambos os países e na Grã-Bretanha, tendo como foco fatos específicos de curta duração. Destarte, para MacCann os problemas entre as duas nações frequentemente são estudados de forma fragmentada, o que impede uma percepção mais aprofundada do assunto. Quando as relações entre Brasil e EUA são estudadas numa perspectiva de longa duração, as disputas e os choques de interesses assumem contornos mais complexos. Assim independente do perfil dos governos brasileiros, seja ele conservador ou progressista, costumeiramente emergiram tensões e conflitos desnecessários abalando as relações entre o Brasil e EUA, e em alguns momentos sensíveis essas tensões eclodiram em problemas mais profundos. Ainda de acordo com McCann, na maioria das vezes, esses impasses foram originados a partir de ações conduzidas em Washington.

Na nossa perspectiva um desses momentos sensíveis, em que política externa estadunidense e brasileira entrou num conflito de premissas foi o curto governo Jânio Quadros. As pautas dos debates internacionais entre Brasil e EUA giravam entorno de dois principais problemas: 1) a questão das sanções a Cuba e os posicionamentos do governo brasileiro; 2) a Política Externa Independente (PEI) reivindicando a aproximação do Brasil com países do bloco soviético.

Esta comunicação propõe uma análise entre duas esferas que imprimiram percepções sobre o Brasil em 1961

debatendo essas pautas internacionais, relatando as crises e as tensões, bem como os debates no cenário político brasileiro. De um lado, o Departamento de Estado e os funcionários da diplomacia estadunidense que atuaram no Brasil em 1961; de outro, um dos maiores jornais estadunidenses *The New York Times*. Os correspondentes do jornal foram críticos à forma como o governo dos EUA conduziu as relações com Jânio Quadros. Demonstraremos como essa crítica evoluiu a partir dos discursos jornalísticos e dos documentos diplomáticos, tornando-se um verdadeiro debate de opinião sobre como John F. Kennedy deveria agir com relação ao governo janista.

Jornalistas e diplomatas, uma disputa de opiniões

O jornal *New York Times* alterou seus posicionamentos sobre Jânio Quadros ao longo de 1961, baseando suas matérias na perspectiva fornecida pelos funcionários do Departamento de Estado e nas suas ações com o governo brasileiro. A vitória eleitoral de Jânio em 1960 não criou expectativas apenas no Brasil. O novo presidente mobilizou a sociedade brasileira com seus discursos eloquentes e estilo político nada ortodoxo, seduzindo também a maior potência das Américas. Os EUA monitoraram de perto a candidatura de Quadros criando expectativas para o novo governo e o jornal em questão correspondeu às interpretações dos funcionários diplomáticos. Porém, logo nos primeiros meses de 1961, o *Times* passou a tecer duras críticas a política externa janista e a forma como os EUA estavam a conduzir as relações com o Brasil.

O enviado especial Tad Szulc é autor da maioria das matérias do *New York Times* relacionadas aos problemas brasileiros. Szulc nasceu na Polônia, mudou-se para o Brasil em 1940. A partir de 1945, trabalhou na agência *The*

Associated Press, no Rio de Janeiro, escrevendo artigos sobre temas brasileiros para jornais estrangeiros. De 1953 a 1972 atuou como correspondente internacional do *New York Times*, cobrindo diversos acontecimentos no país. Em 1968, atuou na Tchecoslováquia cobrindo a Primavera de Praga. Além da atividade jornalística, Tad Szulc escreveu quase duas dezenas de livros sobre temas diversos.

No editorial que noticiava a posse de Jânio Quadros, sob o título *Do Not Despair: Jânio Is Coming*, Tad Szulc o definiu como um sujeito “enigmático, deliberadamente excêntrico, um homem jovem no qual a nação depositara a confiança na condução do país nos próximos cinco anos”¹. O jornal destacou as grandes dificuldades que o novo presidente teria na área econômica, com os graves problemas inflacionários herdados do governo anterior. O tom do texto é favorável a Jânio, apesar de algumas ressalvas, mas percebe-se que o histórico do novo presidente fazia dele uma figura atrativa para os interesses dos EUA no Brasil.

Interessante notar que em poucas semanas, quando Jânio dá início a chamada Política Externa Independente, o tom de cordialidade com o novo presidente desaparece das linhas do jornal. No artigo *Brazil Foresees no Soviet Tie Now*, Szulc analisa com preocupação o ensaio de restabelecimento das relações entre Brasil, União Soviética e a República Popular da China. Além das pontuais críticas ao alinhamento brasileiro com o bloco soviético, o artigo também apresenta grandes apreensões com o posicionamento do Brasil na questão Cubana, em que Jânio teria dito que “admirava várias figuras do movimento revolucionário”².

De fato a viagem de Jânio a

Cuba em 1960, durante sua campanha presidencial, foi vista como um elemento importante sobre o posicionamento de Quadros no âmbito da política externa. Num documento datado de 14 de março de 1960, o Consul Geral de São Paulo, William Crochram Jr., produziu uma análise de como os jornais *O Estado de S. Paulo*, conservador a favor de Jânio Quadros, e a *Folha de S. Paulo*, empenhada numa campanha anti-Jânio, repercutiam em suas páginas o anúncio de sua viagem a Cuba. Segundo as informações contidas na mensagem diplomática, no dia dez do março *O Estadão* reportava as reverberações negativas da possível viagem em meio à adoção de uma linha pró Moscou pelo regime Cubano.

Ao mesmo tempo, dizia o Consul que, segundo a reportagem, o então Senador Afonso Arinos – futuro ministro das relações internacionais de Jânio – interpretava a viagem como uma estratégia com objetivo de reduzir as tensões entre Cuba e os EUA, com uma possível mediação brasileira. No documento, era também informado que a *Folha de S. Paulo* qualificava a viagem como “sem sentido” e destacava que Quadros não se beneficiaria com ela, pois os problemas do Brasil e de Cuba eram muito diferentes. Complementarmente, o informe incluía que Cuba se encontrava em meio a um processo revolucionário caótico. Ainda, segundo o mesmo documento, o diplomata acreditava que o principal motivo da viagem do candidato presidencial brasileiro era refutar as acusações provenientes da esquerda de que ele era entreguista e pró-americano³.

O serviço diplomático e a imprensa estadunidense monitoravam atentamente as repercussões da Viagem de Jânio a Cuba, indicando as críticas presentes nos jornais brasileiros.

¹ The New York Times, 29 de janeiro de 1961.

² The New York Times, 7 de fevereiro de 1961.

³Nara. Records of the Department of State relating to Internal Affairs of Brazil 1960-1963, roll 1. American Consulate. São Paulo. Presidential Campaign Highlights. Week Ending March,11, frames 284-285.

Podemos observar uma atenção especial a todas as questões da campanha presidencial que fizessem referências ao processo político em andamento na ilha caribenha. Em particular, um desses documentos menciona a posição aparentemente ambígua do jornal *O Estado* que, sem abandonar sua crítica ao regime de Castro, justificou a visita do candidato Jânio Quadros à Ilha. A reportagem, segundo os comentários de Cochram Jr., buscava relativizar a questão e mostrava a importância do estabelecimento de relações cordiais mesmo entre adversários, como por exemplo, a viagem de Krushev aos EUA e a programada viagem de Eisenhower e Nixon à URSS⁴. Quadros haveria, segundo o Consul, dito à imprensa que as notícias sobre Cuba publicadas no Brasil não condizem com a verdadeira situação da Ilha. As informações seriam transmitidas de modo a mostrar a preocupação com a gravidade do assunto e de como é importante manter toda a atenção sobre comportamento do candidato em relação à situação de Cuba.

Cochram Jr. acrescenta ainda que Jânio haveria afirmado que a reforma agrária aplicada na União Soviética, Egito, Iugoslávia, Cuba e outros lugares poderiam servir de modelo ao Brasil, e que muitos planos podem ser adaptados para atender às necessidades de diferentes regiões do país. A preocupação do Consul Geral dos EUA em São Paulo demonstra a atenção da diplomacia dos EUA em relação ao futuro das relações entre o Brasil e Cuba em diferentes ocasiões⁵.

De início, a postura do novo presidente brasileiro foi interpretada pela diplomacia estadunidense como resultado da política doméstica do país, marcada

por uma forte presença de forças nacionalistas e de diferentes espectros do campo das esquerdas. Desse modo, entendia-se que Quadros possivelmente estaria a encenar para conquistar ou manter o apoio de um amplo leque de forças de esquerda, fundamental para a estabilidade do seu governo. No entanto, em pouco tempo, as preocupações com o perfil e as ações do novo governo tornaram-se mais evidentes e levaram a uma reavaliação dessas considerações iniciais.

Em 25 de fevereiro de 1961, num artigo intitulado *Brazil Follows a Neutral Path*, Tad Szulc esboça uma opinião crítica a respeito da política externa independente de Jânio Quadros. Para o jornalista a posição neutra do Brasil era a mais importante mudança no cenário da América Latina desde a Revolução Cubana e poderia ter graves consequências, se o país continuasse seguindo uma posição intermediária no contexto da Guerra Fria⁶.

Considerando o impacto da Revolução cubana de 1959, era mais do que natural a intensificação da atenção da diplomacia estadunidense sobre os eventos de todo o continente. Naquele contexto, o governo dos EUA temia que a Revolução Cubana pudesse influenciar outros países do continente e, em especial, o Brasil. Destarte, o Brasil era considerado o parceiro preferencial dos EUA e o país com maior população, economia e influência ao Sul do Rio Grande. Nesse contexto, as eleições brasileiras de 1960 mereceram uma atenção especial. De fato, os diplomatas estadunidenses não temiam que o Brasil se tornasse uma nova Cuba, mas uma nova China. Em decorrência do exposto, a atenção ao subcontinente e ao Brasil foi redobrada desde a vitória da revolução liderada por Fidel Castro e a implantação de um governo revolucionário em Cuba e, principalmente, depois que os EUA e o

⁴ Nara, American General Consultate, São Paulo to Dept State, Highlights during Weekend Presidential Campaign, april, 1, 1960, frame 390.

⁵ Nara. São Paulo American General Consulate .Presidential Campaign Highlights weekend, April, 8, p. 2-3, frame, 420.

⁶ The New York Times, 26 de fevereiro de 1961.

novo regime instalado na ilha caribenha entraram em rota de colisão.

No âmbito interno, os primeiros passos do presidente Jânio Quadros, ajustando a economia brasileira aos critérios do Fundo Monetário Internacional (FMI), foi em direção das expectativas do governo Kennedy, possibilitando renegociar dívidas e a obter empréstimos internacionais. Durante seu governo, Jânio Quadros parecia continuar em plena campanha eleitoral, usando de todos os recursos de publicidade e fazendo de sua política internacional o tema de sua predileção. Testou o limite de todos os setores da vida nacional, todos os partidos, todas as classes. Com seus famosos “bilhetinhos”, conduziu seus ministros como meros cumpridores dos mandos presidenciais (ANRT, 2007; CHAIA 1991; MONIZ BANDEIRA, 1961).

No que diz respeito ao Congresso, o presidente abandonou qualquer política parlamentar. Para Jânio a Câmara dos Deputados e o Senado eram instituições arcaicas, envelhecidas após as eleições de 1960; não aprovariam facilmente qualquer reforma como a lei antitruste, a reforma agrária ou a lei da remessa de lucros, que há muito tempo transitavam em suas comissões. Integrada em sua maioria pela UDN, partido que compunha o governo, a Câmara dos Deputados estava submetida a um permanente processo de desmoralização. Continha em seu âmago uma crença absoluta no mandato independente, afinal, como prometera na campanha esse era um governo “sem donos nem influências”. Para Moniz Bandeira, o presidente pretendia governar não sem maioria e sim sem Congresso (MONIZ BANDEIRA, 1961).

A contradição de seu governo se expressava no campo da política interna com um plano financeiro conforme os anseios do Fundo Monetário Internacional (FMI) e no campo da política externa por uma tentativa de

anestesiarem e entorpecer as forças de esquerda com um perfil independente nas relações internacionais. As ações aparentemente dúbias de Quadros chegaram ao seu ápice quando condenou as ações dos EUA contra a invasão de Cuba e, ao mesmo tempo, sancionou a Instrução 204, onde significativas alterações foram promovidas no sistema cambial brasileiro, passando para a categoria de “mercado livre” praticamente todas as importações e exportações, uma reivindicação das classes dominantes e do capital estrangeiro. A crescente desvalorização do cruzeiro frente ao dólar provara aquilo que Quadros chamava de “verdade cambial”, elevando o custo de vida da população e abalando a sua imagem perante a opinião pública.

A interpretação do serviço diplomático estadunidense era que a postura do novo governo brasileiro foi decodificada como uma possível estratégia para demarcar a posição de independência do Brasil em relação aos EUA, consubstanciada na PEI. Entendia-se ainda, ao menos até certo ponto, que Quadros precisava de apoio de setores da esquerda para governar, uma vez que ele não havia conseguido formar uma maioria na Câmara e no Senado. Desse modo, tanto funcionários do serviço diplomático quanto integrantes do alto escalão governamental estadunidense avaliaram ao longo dos primeiros meses do governo Quadros que muitas das suas ações, estavam vinculadas à política doméstica brasileira e à necessidade de manter o suporte das forças de esquerda do seu governo⁷.

Nos poucos sete meses de governo, Jânio Quadros defrontou-se com um Congresso em que ele não possuía maioria. Além disso, a emergência da revolução Cubana e a

⁷ Telegrama do Secretário do Tesouro, Douglas Dillon ao presidente Kennedy, 12/abril/1961, principalmente comment, p. 2, NSFC0_02-25-61_10

resposta dos EUA ao novo regime que se instalou na ilha tão próxima das suas fronteiras trouxeram os debates relacionados à Guerra Fria para a ribalta da política brasileira. Na Câmara, parlamentares de diferentes agremiações e matizes ideológicos se revezavam em intensos debates que relacionavam a nova política externa brasileira ao cenário internacional conformado pelos recentes desenlaces do conflito global protagonizado por EUA e URSS. Devido à intensificação dos conflitos entre os EUA e o novo regime cubano e a inserção desse conflito no contexto da Guerra Fria era natural que o problema adquirisse proporções continentais e que reverberasse no cenário político brasileiro.

O *The New York Times* por intermédio de seus colonistas, principalmente Tad Szulc, Juan de Onís e Edward C. Burns, a partir de março de 1961 trataram de criticar veementemente a posição dos Estados Unidos com relação a Jânio Quadros. O descompasso da política externa brasileira com os interesses estadunidenses no continente gerou uma série de matérias com pesadas críticas ao governo Kennedy. Para os correspondentes do *Times*, Jânio estaria usando os EUA como uma “ferramenta” para angariar recursos. Sua tática de barganha, posicionando-se pela soberania e autodeterminação de Cuba, era uma estratégia para arrancar volumosas quantias de empréstimos dos EUA e renegociar as dívidas do país. Os EUA na ânsia de obter o apoio brasileiro em suas pautas na América Latina concediam a Quadros todas as suas reivindicações.

No artigo intitulado *Brazilian Hails Cuba*, de 17 de junho de 1961, Burns diz que proximidade do Brasil com o bloco soviético e o restabelecimento das relações, com Hungria, Bulgária e Romênia se justificava pelo perfil da política externa independente, porém, Jânio Quadros não demonstrava independência nenhuma nos momentos

de subornar os funcionários da diplomacia estadunidense por recursos. Programas como o *Food for Peace*, estavam atuando no Nordeste distribuindo alimentos para pessoas pobres, enquanto Quadros se alinhava com governos comunistas e desprezava os EUA na Organização dos Estados Americanos⁸.

Contrariando o posicionamento do *Times*, o secretário do Tesouro Douglas Dillon expressa em documento encaminhado ao presidente Kennedy a sua percepção de que Quadros era um homem que trabalhava de forma honesta e árdua. Sublinhou, no entanto, que o presidente brasileiro “Era sincero em suas considerações relacionadas à política externa, mas o fato de ele olhar para ela como uma ferramenta para ajudá-lo com os seus problemas domésticos pode produzir algumas vezes resultados inesperados e desagradáveis”⁹. Em linhas gerais ao se analisar o documento de Dillon e os desdobramentos dele advindos fica-se com a impressão de que, do seu ponto de vista, o Brasil continuaria a se alinhar com os EUA em questões realmente de peso, mas isso não mais aconteceria de forma quase automática e incondicional como ocorria anteriormente.

Outro episódio narrado com fortes críticas por Tad Szulc foi a reunião entre Jânio Quadros e Adolf A. Berle, secretário especial para assuntos latino-americanos. Há diversas versões sobre como os fatos desse encontro se desenrolaram. No entanto, tanto a imprensa brasileira quanto a estadunidense consideraram a visita de Berle um fiasco político (STREETTER, 1994). Berle teria oferecido a Quadros cerca de 100 milhões de dólares para que o Brasil apoiasse os EUA nas sanções contra Cuba na OEA. De um lado, houve suposições de que Quadros haveria julgado a oferta pequena e insuficiente

⁸ New York Times, 18 de fevereiro de 1961.

⁹ NSFC0_02-25-61_10, p.4

para resolver os graves problemas financeiros pelo qual o país passava. De outro, avaliou-se que ele haveria se sentido ofendido, pois a proposta parecia uma tentativa de subornar o Brasil para que adotasse uma postura favorável aos EUA na questão do conflito com Cuba. Segundo o noticiado, no encerramento do encontro o presidente brasileiro haveria se recusado a apertar a mão de Berle (STREETER, 1994).

Segundo Streeter, quando o enviado especial Berle e o embaixador Cabot foram recebidos pelo presidente brasileiro Jânio Quadros no Palácio do Planalto, o gabinete presidencial estava decorado com um quadro do Marechal Tito, uma gravura de aço em relevo do ex-presidente dos EUA Abraham Lincoln e uma estátua do líder da revolução Cubana Che Guevara (STREETER, 1994, p. 211).

Foi um choque para Berle ao retornar a Washington e ler no *The New York Times* sobre seu encontro com Quadros (LEACOCK, 1994). De acordo com o jornal, no artigo intitulado *U.S.-Brazil Talks Close in Discord over Cuba Issue*¹⁰, a reunião tinha sido um encontro frio, formal e sem resultados. Quadros se opôs abertamente a ação dos EUA contra Cuba e adotou a perspectiva de que a controvérsia era um assunto entre Cuba e os EUA e não preocupava outras nações do hemisfério. No dia anterior à reunião, de acordo com Tad Szulc, Jânio aborrecido com a proposta de Berle, recusando-se a vê-lo no Rio de Janeiro, apesar de ter encontrado tempo para ver agentes de imprensa cubana e dar entrevistas. E por fim, Jânio Quadros escolheu o dia da entrevista de Adolf Berle para autorizar a liberação do anúncio de que o líder do bloco dos países não-alinhados, Marechal Tito, aceitou um convite para visitar o Brasil e dar início a negociações de acordos econômicos e culturais com a Iugoslávia.

Quando Jânio renunciou inesperadamente em 24 de agosto de 1961 o *New York Times* tomou uma posição de não parecer surpreso. As matérias após os dias da renúncia retratam que ação de Quadros se justificava pelo seu estilo político caótico e dramático. Em *Military Chiefs in Brazil Forbid Goulart Return*, de 28 de agosto de 1961, Edward C. Burns diz que a renúncia teria ocorrido por pressões internas devido a sua política externa alinhada com países do bloco soviético, esse seria o preço pago por Jânio por flertar com os comunistas¹¹.

Em um memorando William Cochman Jr, expressou como o serviço diplomático reagiu a renúncia de Jânio. Para o Consul, Jânio “tomou certas medidas sãs e necessárias no campo econômico [...]. No campo das relações externas políticas, no entanto, suas numerosas medidas parecem ter sido deliberadamente mal intencionadas, visão que correspondia com alguns jornais brasileiros como *Folha de São Paulo* e pela *O Globo* do Rio de Janeiro”.

O Consul segue dizendo que “parte dessa culpa é nossa; que estávamos ansiosos demais, mesmo antes de Jânio ser empossado. Ele precisava de nós tanto quanto precisávamos dele, mas nós (de acordo com a imprensa brasileira) corremos com ofertas”. Cochman relembra vários momentos onde Jânio deu sinais de sua política ambígua, como por exemplo, quando o presidente Eisenhower e o primeiro-ministro McKillan, convidaram Jânio para visitá-los antes de ser empossado e ambos foram ignorados. O caso com Adolf Berle também foi citado. O cônsul diz que a imprensa informou que oferecemos um empréstimo de US \$ 200 milhões enquanto Jânio conduzia uma política em descompasso com os interesses dos EUA. O tom de desapontamento é evidente:

¹⁰ New York Times, 4 de março de 1961.

¹¹ New York Times, 28 de agosto de 1961.

Eu observo que, pouco depois de termos concordado com um pacote de ajuda de bilhões de dólares dos EUA - reescalando dívidas antigas e abrindo novos créditos - Jânio expressou sua gratidão conferindo alta condecoração a todos os membros da *Soviet Goodwill Mission* - que como a imprensa brasileira e estadunidense apontou, não fez nada para o Brasil. Da mesma forma, nos comprometemos com um programa de desenvolvimento social e econômico de 20 bilhões de dólares em Punta del Este, do qual o Brasil terá, inevitavelmente, grandes ganhos; E Jânio recompensou-nos com o principal espinho possível - um agitador profissional e comunista inquestionável - recebendo e sendo condecorado com o Cruzeiro do Sul.

Considerações Finais

Claramente as visões aqui apresentadas são unilaterais. Para um trabalho mais profundo e rigoroso teríamos que ter acesso a arquivos de mais jornais estadunidenses e cruzar os discursos. Porém, nosso objetivo foi demonstrar que o serviço diplomático estadunidense durante o curto governo Jânio Quadros trabalhou sob forte pressão das críticas advindas do jornal *The New York Times* na forma como conduziam as relações com o Brasil. O tom de cordialidade com Jânio perpassou os discursos de diplomatas e jornalistas

entre outubro de 1960 e início de 1961, porém, logo que a PEI começou a ser implementada os correspondentes do *Times* alteraram seu discurso passando a alertar e, posteriormente, criticar fortemente a posição dos EUA em conceder empréstimos e renegociar de dívidas do governo brasileiro. A ideia foi demonstrar a partir de uma dimensão muito particular, como a figura política de Jânio ensejou debates em âmbito internacional, fazendo de seu curto governo um ponto chave para os estudos sobre as relações entre o Brasil e os EUA.

Referências

- ARNT, Ricardo. *Jânio Quadros: o Prometeu de Vila Maria*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *A Renúncia de Jânio Quadros e a Crise pré-64*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O 24 de Agosto de Jânio Quadros*. Rio de Janeiro: Editora Melso Soc. Anônima. 1961.
- CHAIA, Vera L. Michalany. *A Liderança Política de Jânio Quadros (1947-1990)*. São Paulo: Ed. Humanidades, 1991.
- STREETER, Stephen M. *Campaigning against Latin America Nationalism: U.S. Ambassador John Moors Cabot in Brazil, 1959-1961*. Americas 51 Magazine, p. 193-218, 1994.
- LEACOCK, Ruth. *Requiem for Revolution: the United States and Brazil, 1961-1969*. Kent State University Press, Ohio, 1990.
- McCANN, Frank. Brazil and the World War II: The Forgotten Ally – What did you do in the war, Zé Carioca? In: *Estudos Interdisciplinares de America Latina Y el Caribe*. Vol 6. n. 2., 1995.